



ALUNOS DO PROUNI DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO: TRAJETÓRIAS, PERCEPÇÕES/SENTIMENTOS E APROVEITAMENTO ACADÊMICO.

MARIA APARECIDA T. ESTACIA

II - RESUMO:

O tema focalizado neste projeto de tese se refere as ações afirmativas, políticas de inclusão social especiais e temporárias. Entre estas políticas destaca-se o ProUni (Programa Universidade para Todos) criado pela Lei Nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005 pelo Ministério da Educação, que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida a isenção de alguns impostos e contribuições no período de vigência. Estão estudados então, os alunos bolsistas do ProUni da Universidade de Passo Fundo (UPF) que entraram no ano de 2005 pelo programa. O problema de pesquisa visa conhecer qual é esse novo perfil de aluno que habita agora os espaços acadêmicos, qual a sua trajetória até a universidade, seus sentimentos/ percepções, aproveitamento acadêmico e perspectivas futuras que constituíram as categorias de análise da pesquisa. As hipóteses indicavam dificuldades diversas para este aluno bolsista. Este estudo foi de natureza qualitativa, utilizando a entrevista semi-estruturada com 14 alunos bolsistas do programa e 04 alunos não bolsistas, que constituíram um grupo para contraponto. Os fundamentos teóricos da tese foram a Teoria da Igualdade de Aristóteles, os princípios elencados na Constituição Federal de 1988, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e Ações Afirmativas. Com relação aos resultados parciais, observou-se nas trajetórias dos alunos, grandes influências do grupo familiar para a realização de um curso superior, os aspectos motivacionais pessoais intrínsecos contribuindo de forma significativa para esta conquista; os sentimentos de aceitação, integração e a ausência de qualquer situação de diferenciação com professores, colegas e funcionários caracterizaram a percepção de todo o grupo de bolsistas estudado; sentimentos de solidão pela mudança de cidade, estado, hábitos culturais e regionais, a vinda do meio rural para o urbano, o nível de exigência das tarefas acadêmicas e as questões financeiras foram citados como dificuldades. O aproveitamento acadêmico está ocorrendo pela grande maioria do grupo e o índice de desistências e reprovações em disciplinas é baixo. As perspectivas futuras de quase todos apontam para a continuidade dos estudos em áreas profissionais específicas, para outros o curso superior realizado está servindo como um processo de ascensão de vida apenas pessoal. As percepções são positivas e o programa está alterando significativamente o funcionamento das universidades privadas. Conclui-se previamente que o ProUni, enquanto uma ferramenta de ação afirmativa está atingindo

seus objetivos na busca da redução de desigualdades sociais em prol de alunos universitários desfavorecidos economicamente.

Palavras-chave: **1. Programa ProUni. 2. Aluno bolsista. 3. Ensino Superior. 4. Universidade de Passo Fundo.**

III - INTRODUÇÃO:

A temática a ser desenvolvida em tese, a partir deste projeto, aborda o PROUNI: Programa Universidade para Todos, que foi criado pela MP nº 213/2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. O foco da investigação foram os alunos bolsistas da UPF – Universidade de Passo Fundo -, que faz parte do programa dispondo de vagas aos alunos que se enquadram em situação de baixa renda.

Ao iniciar a apresentação do tema, compreende-se como importante situar alguns tópicos sobre a atual sociedade, que vive uma situação de intenso dinamismo, que se expressa na economia, na cultura, na tecnologia. A universidade deste novo século não pode se constituir em uma instituição inerte em relação ao processo de constantes transformações. Os desafios desta sociedade do conhecimento influenciam de forma direta e diversa a universidade na sua estrutura administrativa, curricular, financeira, de pesquisa e extensão, seus convênios e parceiras, as formas de entrada e de saída de seus acadêmicos, bem como o próprio perfil deste acadêmico. A universidade passa a reconhecer e a aceitar, de certa forma tardiamente, o seu papel inovador e transformador, próprio da sociedade que se organiza em grupos, redes e parcerias.

Clark (2006) afirma que a universidade tradicional ainda evita que se mencione algumas conhecidas limitações como sua histórica discriminação contra mulheres, alunos de classes sociais menos privilegiadas e minorias, sua oposição a novos campos de estudo, e sua tendência a tornar-se distanciada de importantes necessidades sociais.

Cabe à universidade hoje o grande papel de modificar a sociedade, pois é através desta etapa do processo educacional - o ensino superior - que o jovem acadêmico se torna profissional e ao mesmo tempo cidadão com conhecimentos instrumentais para transformar a atual realidade social. A função da universidade passa a ser a formação de sujeitos. Mas, o que tem acontecido com a universidade? Quais os problemas que ela enfrenta? Como mudar seu modelo tradicional que não atende mais as atuais necessidades? Como assumir uma atitude inovadora? Como reformar a sua configuração? Como atuar em um cenário de constantes crises? Como entrar no mundo acadêmico? Diante de tantas indagações, pode-se afirmar que a própria universidade está passando por uma profunda crise.

Para Souza Santos (2005) existem três crises nas universidades hoje: a crise da hegemonia (contradições entre as funções tradicionais da universidade e as que o novo século impõe), a crise da legitimidade (restrições do acesso e reivindicações da igualdade de oportunidades) e a crise institucional (autonomia na definição de objetivos da universidade) e a pressão a critérios de produtividade de natureza empresarial.

De acordo com Panizzi (2006), a tarefa é de pensar e de construir a universidade que os tempos de hoje estão a exigir, universidade esta que pode ser definida como um importante patrimônio social, que se caracteriza precisamente pela sua dimensão de universalidade na produção e transmissão da experiência cultural e científica da

sociedade. A universidade é, por essência, agente constitutivo de um processo estratégico de construção de uma identidade social e de um projeto de nação.

Quanto aos investimentos em educação, o continente sul-americano é a região do planeta que menos investe em educação superior e os reflexos dessas políticas de formação educacional – condição para alcançar o desenvolvimento – são evidentes e as perspectivas se tornam preocupantes (PANIZZI, 2006).

Contextualizando o tema, entende-se que, com a prevalência do conhecimento, com o grande aumento da demanda dos jovens por educação superior, com a necessidade de expansão do seu alcance, no espaço e no tempo, já não se pode continuar pensando a universidade como se pensava até ontem. É necessário que se faça a sua reestruturação, parece inadiável a necessidade de sua transformação de maneira orgânica e a partir da suas bases constitutivas: acadêmicas e institucionais.

Citando Buarque (2003), o mundo, no início do século XXI, passou por uma imensa desarticulação ideológica, que incluiu uma enorme dissociação política e uma desigualdade social maciça. Frente a essas transformações radicais, a universidade ainda representa patrimônio intelectual, independência política e crítica social. Ela também precisa mudar, não apenas se ajustando, mas transformando para atender à nova realidade técnica e as novas exigências que o mundo impõe as idéias. O desafio da Universidade para as próximas décadas é maior do que mudar, é evoluir e ser diferente.

Este estudo se fundamentou então numa nova categoria de análise: o aluno universitário bolsista do PROUNI da UPF, analisando sua trajetória pessoal até a universidade, o processo de entrada, a sua integração à vida acadêmica e sua perspectiva de vida futura.

Alguns dados são importantes para consideração: de acordo com o MEC¹/INEP², no conjunto da América Latina, o Brasil apresenta um dos índices mais baixos de acesso à educação superior, mesmo quando se leva em consideração o setor privado. Segundo dados do INEP, hoje (2008), 70% das universidades brasileiras são privadas e o restante 30%, públicas. No Brasil, o ensino universitário funciona, na sua maioria, no período da noite. Na faixa etária de 18 a 24 anos, o percentual é muito baixo, apenas 12,1% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos estão matriculados em algum curso superior. Este número mantém o país distante da meta do Plano Nacional de Educação de chegar a pelo menos 30% em 2011. Integrantes do próprio governo admitem que será muito difícil o país chegar a esse patamar na data fixada.

Segundo o presidente do INEP (instituto de pesquisa ligado ao MEC), Reynaldo Fernandes, este número ficou estagnado no patamar de 9% durante muito tempo e só começou a se mover recentemente. De 2005 para 2006, as matrículas de jovens no ensino superior cresceram 1,2 ponto percentual o índice era de 10,9 há dois anos e havia sido de 10,4 em 2004.

Frente a estas situações fica evidente a necessidade de novas formas de inclusão ao ensino superior, de novos programas de acesso, através de políticas públicas que promovam o aumento de vagas nas universidades.

¹ MEC: Ministério de Educação e Cultura

² INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação

Neste cenário o objetivo de aumentar o número de estudantes no ensino superior torna-se altamente necessário. É muito provável que existam inúmeros jovens, sobretudo nas classes menos favorecidas, com talento e disposição para realizar estudos de nível superior, mas que atualmente são barrados pelo sistema de ingresso. Muitos jovens estão concluindo o ensino médio e precisando ingressar na universidade. Não o fazem porque não dispõem de recursos para enfrentar o ensino superior pago, uma vez que, de um lado, a universidade pública limita o número de vagas e, de outro, as particulares estão cobrando mensalidades que muitas vezes não podem pagar, pois a renda familiar é baixa.

Para proporcionar a estes jovens mais pobres e carentes, a possibilidade de ingresso na universidade, o governo federal criou o PROUNI, cujo objetivo é conceder bolsas de estudos, integrais e parciais (50% e 25%), para cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior com ou sem fins lucrativos.

Diante de tantos questionamentos, definiu-se como pergunta de pesquisa: *“Quais são as trajetórias, os sentimentos/percepções e aproveitamento acadêmico dos alunos do PROUNI da UPF, desde seu ingresso em 2005?”*. Por meio deste estudo, e das reflexões atuais que o tema vem despertando no cenário da educação superior, buscou-se junto a estes estudantes, respostas a este problema de pesquisa que delineou algumas características desse novo aluno universitário.

O **objetivo principal** desta pesquisa foi verificar como se constituem as experiências de vida desses sujeitos até a chegada à universidade, analisar e descrever como estes alunos vem adaptando-se a esta nova situação em universidades particulares, seus sentimentos/percepções, seu aproveitamento acadêmico e perspectivas futuras.

Como **objetivos específicos**, foram elaborados os seguintes:

- Analisar trajetórias dos alunos pertencentes ao PROUNI que entraram na UPF em 2005.
- Identificar quais são as estratégias que os alunos estão encontrando para se adaptar à atual realidade universitária.
- Identificar as facilidades e as fragilidades que o aluno PROUNI/2005/UPF encontrou no processo acadêmico até o presente momento.
- Relacionar que tipos de sistemas de apoio a instituição de ensino está oferecendo e/ou precisa fornecer a estes estudantes.
- Verificar o aproveitamento acadêmico destes alunos (evasão, repetência, retenção/permanência).
- Identificar como ocorreram as relações com os demais colegas, professores e funcionários.

A justificativa que argumentou a necessidade social desta investigação se fundamentou em observações que permeiam o universo acadêmico com a nova forma de ingresso, que veio aumentar a oferta de vagas no ensino superior privado, oportunizando o acesso dos grupos mais desfavorecidos ao mundo universitário. Ao mesmo tempo, evidenciam-se ainda poucas pesquisas que mostrem o aproveitamento desses novos alunos na universidade. Este estudo pode contribuir, esclarecendo como se

encontram, como percebem esta nova realidade, os sentimentos que afloraram pela convivência com a comunidade universitária e suas perspectivas futuras.

IV - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O TEMA

As ações afirmativas têm se revelado como uma nova maneira de refletir sobre as situações de desigualdade enfrentadas pela sociedade. As discussões sobre ações afirmativas são relativamente recentes no Brasil e possuem características peculiares, assim sendo este tema ainda é pouco conhecido nos diversos meios sociais.

Ações afirmativas são políticas de inclusão especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, sociais, econômicos, de gênero e outros.

Oliven (1996, p. 78) informa que a repercussão dessa medida chegou ao sistema de ensino superior, que percebeu as mudanças ocorridas na sociedade norte-americana no campo legal e no campo das relações sociais. A partir da década de 70, com a crescente presença nas universidades de clientela feminina, afro-americana e de outros americanos hifenizados (asiáticos-americanos, nativo-americanos; etc.) o currículo das universidades passa a ser questionado: exige maior diversidade e abrangência, incluindo temas relevantes aos novos grupos; questiona-se a orientação eurocêntrica da história americana.

As Ações Afirmativas tem origem em alternativas sociais, conforme o conceito: “[...] ação afirmativa é uma expressão que se refere às tentativas de trazer membros de grupos sub-representados, normalmente grupos que sofrem discriminação, a um grau mais alto de participação em algum programa de benefício” (MENEZES, 2001, p. 28).

Ianni (2004, p. 106) afirma que a “[...] característica fundamental da sociedade brasileira é o seu profundo dualismo”. De um lado encontra-se uma moderna sociedade industrial, que já é a sexta economia do mundo ocidental e acusa um extraordinário dinamismo³. De outro, encontra-se uma sociedade vivendo em nível de subsistência, no mundo rural, ou em condições de miserável marginalidade urbana, ostentando padrões de pobreza e ignorância comparáveis aos das mais atrasadas sociedades afro-asiáticas.

Vários questionamentos e reflexões surgem atualmente, na tentativa de entender por que no Brasil existe tanta desigualdade social. Produto de uma herança de injustiças e de exclusão que afeta a população brasileira negando seu acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania.

Segundo Scalon (1999) uma sociedade pode ser definida como aberta ou fechada, justa ou injusta, igual ou desigual de acordo com o grau de fluidez de sua estrutura de estratificação social, ou seja, de como são distribuídas as oportunidades

Nesse sentido, Pimenta (2002, p. 97) diz que a educação é um processo de humanização, pelo qual se possibilita que os seres humanos se insiram na sociedade humana, historicamente construída e em construção. Sociedade que é rica em avanços civilizatórios, mas que paralelamente, apresenta imensos problemas de desigualdade social, econômica e cultural, de valores e de finalidades. A educação, enquanto reflexo,

³ JB, 2007 O Brasil é a sexta economia do mundo (artigo referenciado) Último dado conhecido sobre a posição brasileira no *ranking* internacional.

retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer, por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano, enquanto prática histórica, tem o desafio de responder às demandas que o contexto lhe apresenta.

Elucidando o conceito de justiça de Aristóteles: "faz parte da essência do direito tratar iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual, de acordo com o grau e a intensidade de suas diferenças", faz sentido lembrar que as políticas de Ações Afirmativas pressupõe um tratamento diferenciado para aqueles que estão em desvantagem na sociedade. Com base nesse pressuposto essas políticas visam promover a igualdade de oportunidades e diminuir as desigualdades que as políticas universais não resolvem. O Programa Universidade para Todos – PROUNI – tem na sua essência esse objetivo: corrigir as históricas desigualdades de acesso ao ensino superior.

Rastreando ainda idéias sobre igualdade, buscou-se também as contribuições de Norberto Bobbio, considerado um dos maiores filósofos políticos contemporâneos. É conhecido como filósofo que se aplicou ao estudo dos direitos humanos, da filosofia e da política. Ainda dedicou-se às questões centrais da democracia, da liberdade, da igualdade, da república e dos direitos humanos, que foram os elementos básicos de sua atividade intelectual e política. Dessa maneira, Bobbio contribuiu para aproximar as pessoas pelo debate, colaborando, assim, para o exercício da cidadania e o avanço dos direitos humanos nas democracias ocidentais.

V - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Problema de Pesquisa

Conforme já apresentado, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Quais são as trajetórias, os sentimentos/percepções e aproveitamento acadêmico dos alunos do ProUni da UPF, desde o seu ingresso em 2005?

Método de Pesquisa

O delineamento do estudo é de caráter qualitativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa tipo estudo de caso analítico, que supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno. Diz respeito, ao alunos do ProUni da UPF, pois no atual contexto universitário, uma nova forma de ingresso acadêmico foi instituída no ano de 2005, alterando parcialmente os atuais métodos de seleção para ingresso nas universidades particulares.

Participantes da Pesquisa

Os sujeitos que participaram desta pesquisa são 14 alunos bolsistas do programa ProUni assim distribuídos: 07 alunos do curso de Medicina, 02 alunos do curso de Agronomia, 03 alunos do curso de Filosofia e 02 alunos do curso de Geografia. Foram escolhidos os dois cursos mais procurados e os dois menos procurados de acordo com o vestibular realizado naquele ano. Dos entrevistados 08 eram mulheres e 06 eram homens, suas idades variaram de 21 a 26 anos, todos possuem bolsa integral, estão em situação de ativos e todos são solteiros.

Coleta de dados

A coleta de dados do presente estudo foi realizada através de fontes documentais (registros estatísticos, censos, mapas, tabelas, gráficos, documentos acadêmicos, fichas sócio-econômicas, históricos escolares e boletins de desempenho dos acadêmicos) e

entrevistas gravadas e transcritas com roteiro orientador. As duas técnicas de coleta de dados receberam atenção distintas. As entrevistas semi-estruturadas foram o instrumento maior e as informações oriundas dos documentos e registros não menos importantes, propiciaram a ligação entre as questões, os dados coletados e as conclusões a que se chegou.

Análise dos dados

A análise dos dados oriundos das entrevistas semi-estruturadas e das fontes documentais, propiciou o entendimento qualitativo da realidade trazida a partir da literatura adequada, por meio de categorias, conforme orientações de Minayo (1994) e Bardin (.Realizou-se uma pré-análise do material, que permitiu a definição das unidades de sentido; uma exploração do material, com mapeamento dos temas emergentes que possibilitaram, a partir do objetivo da pesquisa, a caracterização dos dados; e por último à interpretação destes teoricamente

VI - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA

Serão apresentados alguns dados já obtidos através de 6 entrevistas realizadas com 3 sujeitos do curso de Filosofia e 3 sujeitos do curso de Medicina, que ocorreram entre junho e julho de 2008 e foram marcadas por contato telefônico e realizadas nas unidades de ensino de cada aluno na Universidade.

Chegar a fase de análise parcial de dados significa fazer algumas interpretações, e olhar atentamente para os dados da pesquisa sem esquecer os “significados” presentes nessas informações.

Neste momento já surge a necessidade de estabelecer uma compreensão parcial dos dados coletados e começar a responder, relacionar com a pergunta de pesquisa que foi formulada: “Quais são as trajetórias, percepções, sentimentos e aproveitamento acadêmico dos alunos do PROUNI da UPF, desde seu ingresso em 2005?” Como se constituem as caminhadas desses sujeitos até a chegada à universidade e seu processo de integração a este novo contexto: o campus universitário.

Esleveu-se, para esta análise parcial dos resultados, as seguintes categorias:

- Trajetórias
- Percepções e sentimentos da realidade acadêmica
- Aproveitamento acadêmico/perspectivas futuras

Trajetórias

A trajetória é uma forma de conhecimento sobre determinados processos sociais desde a óptica daqueles que estão imersos nesses processos. Ela permite que se conheça um pouco da experiência que os entrevistados relatam referindo-se a um passado recente. Quando um sujeito passa a verbalizar suas lembranças, transmite emoções e vivências que são ordenadas com a finalidade de dar um sentido a sua vida. Elas pontuam o universo social do qual vieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas, pois ao evocar suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais permitindo conhecer sua mobilidade social, escolar e geográfica, os papéis assumidos e atitudes que estão relacionadas aos diferentes momentos da história de cada um.

Estudar as trajetórias de alunos do ProUni, passa a ter um sentido especial, uma vez que estes alunos dentro de um transcurso normal dificilmente conseguiriam transitar em universidades particulares em virtude de serem estudantes de baixa renda.

Quanto as trajetórias desses alunos nos dois cursos até então já entrevistados, observa-se relatos significativos relacionados às suas histórias de família, figuras maternas e paternas, professores e grupos de amigos, que vão construindo e contribuindo para cristalizar a história única de cada um. Para melhor entendimento e compreensão será usada a simbologia (F) para identificar as falas dos alunos da Filosofia e (M) para os alunos da Medicina.

Nos sujeitos entrevistados dos dois grupos percebe-se a figura paterna como grande incentivadora na infância e adolescência destes sujeitos, observa-se desta forma a importância de um modelo encorajador, motivador e de liderança. Um sujeito relata que foi alfabetizado pelo pai, professor de biologia, aos quatro anos de idade (M), aparecem expressões ainda que os pais foram grandes incentivadores, outro sujeito revela que “... mesmo no meio rural o pai comprava jornais e revistas e agora conseguiu a internet...”(M); “...quando eu era pequena a minha mãe me levava na biblioteca municipal...”(F); “...meus pais contavam histórias e faziam a leitura da Bíblia...”(F); “...a minha mãe sempre quis estudar mas morava bem no interior...”(F), “... a minha mãe que me incentivou a me inscrever no ProUni...”(F). Percebe-se a existência de barreiras e dificuldades no meio familiar neste período da infância (como morar no meio rural e distante das informações, não ter livros em casa e frequentar uma biblioteca pública), mas ao mesmo tempo fica visível a disponibilidade de ações e atitudes destes pais que eram feitas para complementar, ampliar e minimizar as dificuldades ora encontradas.

Os alunos dos dois cursos referem terem participado tanto na infância como na adolescência de grupos na escola ou na comunidade tais como: grêmios da escola, grupos de danças, grupos folclóricos e de CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), sabe-se que é muito importante e significativo participar de pequenos grupos nesta etapa, criando vínculos, estabelecendo novos relacionamentos interpessoais e identificando-se com figuras de liderança. Estas experiências em grupos são muito significativas, pois é pela mobilização dos grupos que se encontra novos caminhos, novas maneiras de agir, de fazer, de ser, o que contribui de forma significativa para a construção da vida de cada um, pois é através da participação de vários e diferentes grupos ao longo da vida que se adquire a identidade e se mergulha em uma matriz social. Nos grupos se aprende as primeiras lições de sobrevivência e convivência. Talvez estas experiências tenham contribuído para que estes alunos bolsistas tivessem um diferencial não só na aprendizagem de condutas, habilidades e atitudes, mas também na sua inclusão em outros grupos: ser um aluno bolsista do ProUni hoje, significa fazer parte de um novo grupo que busca a sua consolidação social.

Observando-se a Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005, verifica-se que a mesma reserva também bolsas de estudo aos cidadãos portadores de deficiência e aos auto-declarados pretos, pardos ou índios; desde que se enquadrem nos demais critérios de seleção do programa. Nesta amostra parcial já pesquisada, encontramos, um sujeito do curso de Filosofia que refere ter conseguido a bolsa pela auto-declaração, o relato a seguir é significativo:

“...eu entrei no ProUni na terceira chamada, nas duas primeiras eu tinha colocado como primeira opção o curso de Administração (...) uma amiga é que me

ajudava a fazer tudo na internet, aí na terceira inscrição ela me perguntou se eu não tinha nenhuma descendência de negros e tal... porque eu tenho a pele meia escura, eu disse que eu achava que na família do meu avô tinham “bugres” que é uma mistura de negro com índio, então de certa forma tem negro e índio, aí eu consegui para as vagas de afro-descendentes no curso de Filosofia...”. (F)

Os alunos da Medicina associaram a escolha da profissão por gostarem de biologia e matemática e ter a presença de parentes próximos trabalhando na área da saúde, tio médico, irmão médico, e parentes enfermeiros. Todos revelam nunca terem pensado em fazer outro curso, um verbaliza que “... estudava por fora, nos livros do cursinho do meu irmão...”, outro sujeito refere que “sempre quis Medicina”, “sempre me identifiquei com ela, mas sabia que não poderia pagar um curso particular”, fazia cursinho para passar em uma faculdade federal, (era o seu quarto ano de cursinho), tinha sido aprovada em uma universidade particular, mas não iria cursar, refere que já tinha feito de novo a matrícula para o cursinho, quando viu pela televisão a propaganda do ProUni, se inscreveu e foi chamada. Dos sujeitos do curso de Medicina apenas para um era o primeiro vestibular. A partir destes conteúdos observa-se nestes sujeitos do curso de Medicina um forte desejo por esta profissão desde o início do processo de escolha profissional, uma identificação com a escolha, um desejo interno, uma determinação (“estudar por fora”) um processo interno de motivação intrínseca que os edifica e os alavanca para concorrer neste curso que historicamente é o mais disputado, o mais difícil de entrar, que exige boas notas, muito estudo, seja pelo concurso vestibular seja pelo ProUni, pois em ambos os casos as suas notas devem ser as melhores.

Já nos sujeitos do curso de Filosofia todos revelam estar fazendo este curso porque só foram classificados para este. Percebe-se que nenhum está fazendo o curso que gostaria, um sujeito disse que gostaria de estar cursando Jornalismo, outro Administração e outro Psicologia, o relato a seguir revela este sentimento: “...na verdade eu nunca tive aula de Filosofia no colégio, nunca...daí eu nunca soube como é que era a dita Filosofia...quando eu fiquei sabendo do resultado eu não sabia se ficava feliz ou se ficava triste, porque eu queria Administração...”. Esse sentimento é paradoxal e revelador de um viés na escolha de uma profissão via curso superior, qual significado terá para este sujeito a participação no ProUni? Como será a sua trajetória profissional, tendo esta experiência? O que fazer se sua nota no Enem não lhe permitiu o ingresso em outro curso mais concorrido? Esperar mais um ano e fazer de novo a prova do Enem? Como resolver estas arestas que começam a surgir e estão ligadas a perspectivas, trajetórias, sonhos?

Percepções e sentimentos da realidade acadêmica

Quanto ao meio acadêmico, todos os alunos da Medicina e quase todos os da Filosofia relatam terem sido bem aceitos pelos colegas, não revelam preconceitos e sentem terem feito um processo seletivo: a prova do Enem institucionaliza e legitima o processo de entrada, ainda referem sentimentos de gratidão e valorização por terem conseguido a bolsa. Um sujeito da Filosofia refere certa culpa por estar com a bolsa e não estar aproveitando muito, pois não era o curso pretendido; os depoimentos a seguir ilustram as afirmações:

“... Eu não falei pra ninguém até os dois, três meses porque eu sabia que era o primeiro ano do programa, isso aí podia ter preconceito com isso, sabe, embora não seja uma cota assim... sabe, tu foi selecionado por uma prova que tu fez, mas poderia ter algum tipo de preconceito. Eu sabia quem eram meus colegas que foram selecionados,

mas eu acho que eles não sabiam até porque eu não tava na lista, eu fui chamado depois, uma semana depois, até na chamada o meu nome não tava, então ninguém sabia. Daí, depois, acho que eles ficaram sabendo, porque tinha que cada semestre ir lá fora atualizar os documentos. Então daí eu comecei a ir com eles, depois quase no final do ano o pessoal ficou sabendo que eu era ProUni, mas não teve nenhum tipo de preconceito com os outros colegas...”(M). Esta verbalização denota talvez, um sentimento de insegurança por ser uma proposta nova, uma nova alternativa para estudar em uma instituição superior o que poderia estar gerando medo e possibilidade de uma perda da bolsa.

“... Acho que todo o mês é festivo por não ter que pagar o boleto...”(M) Esta fala expressa a alegria de estudar gratuitamente em uma universidade particular e não precisar pagar as mensalidades.

“... Aqui na UPF os alunos do ProUni são praticamente iguais aos outros, a diferença é os boletos que a gente não tem...”(M) Este sujeito revela o sentimento de igualdade com os demais alunos o que mostra e minimiza muitas críticas feitas ao programa, relativas a possíveis diferenças no processo de entrada, aceitação grupal e cultural e acompanhamento pedagógico desses alunos. Os relatos a seguir confirmam os sentimentos de aceitação.

“... A nota eu não sei, mas na redação eu fiquei com 100 e na prova de 63 questões eu acertei 58...”(M)

“... A minha receptividade foi a mesma dos demais...” (M)

“... Bom, eu no início me sentia bem perdida, assim como todo principiante, mas assim, fui bem recebida, por todo mundo, desde o começo todo mundo sabia que eu era uma das bolsistas, foi assim...”(F)

“... O aluno ProUni é aquele que se não fosse o ProUni não estaria aqui... é um curso caro, acho que nenhuma de nós teria condições de pagar, então não é um aluno inferior na questão de conhecimento, de interesse, em participar, mas é só uma questão de não se incluir na parte financeira e que foi a única coisa que limitava, que agora possibilita a gente estar aqui...” (M) Percebe-se aqui a integração do aluno que entrou via vestibular e o desta nova modalidade, não existindo, em ambos os cursos estudados, qualquer evidência de sentimentos de rejeição pelos colegas do processo tradicional de entrada.

“... Acho ser muito gratificante ser aluno do ProUni, acho que é um programa que no começo ninguém dava valor, agora tem tanto, mais de 10% dos alunos aqui da faculdade tem bolsa do ProUni, então é muito bom conseguir uma bolsa naquilo que tu quer, naquele curso que tu quer, que é concorrido, que tu escolhe a faculdade que é boa, eu me orgulho bastante de ter conseguido...”(M) Este sujeito expressa sentimentos de alegria e satisfação, da escolha do curso, da instituição de ensino e principalmente do seu esforço, do seu investimento pessoal nesta conquista.

“... Eu me sinto um privilegiado...” (M) este mesmo sentimento é reforçado nesta fala.

“... Eu tenho bastante orgulho disto, eu gosto da faculdade, me identifiquei bem com o curso, graças a Deus eu tenho a bolsa, não preciso pagar nada por isso, ainda recebo a bolsa permanente. Para mim está muito bom, to gostando bastante dessa oportunidade que esse governo está dando e to aproveitando o máximo que eu

puder...”.(M) Como conteúdo principal desta expressão destaca-se, a revelação da importância do recebimento da bolsa permanente (valor depositado mensalmente de R\$ 300,00 sem reajuste) a todos os bolsistas com cursos em horário integral. Segundo as entrevistas este valor é fundamental para comprar alguns livros, fazer cópias e pagar o aluguel. O valor ajuda, mas segundo os alunos da Medicina que recebem a bolsa ela não é suficiente, uma vez que também este valor não é reajustado. Outro revela que apesar de não cobrir todas as necessidades ela é bem-vinda.

Os pré-requisitos para receber o valor são bem restritivos: é preciso que o aluno seja bolsista integral do Prouni em um curso presencial com no mínimo seis semestres de duração e com seis horas ou mais de aula por dia. Mas não basta só dizer que estuda mais de seis horas. A informação tem de partir da universidade, que cadastra seus dados no Sistema Integrado de Informações da Educação Superior (SiedSup). Além disso, é preciso comprovar todo semestre que está regularmente matriculado no curso.

“... Ser aluno do ProUni é muito bom, primeiro pela ajuda financeira, claro, ... seria mais difícil para poder pagar por mês e mais o resto que tem,... é muito bom mesmo poder vir para a faculdade, que nem eu tenho 100%, é como se eu tivesse numa escola pública, não custa nada, é muito bom mesmo. Até eu falo para o pessoal que eu conheço pra fazer o Enem, e tentar, porque que nem eu, muita gente pensa que não existe, que é só propaganda, que é só política, como eu pensava no começo, mas depois a gente vê, que nem eu tenho quatro colegas na Filosofia que tem, não é difícil de manter, porque todo mundo diz que bolsa não pode reprovar, mas eu já reprovei, e continuo, só tem um limite, aí já não fica tão difícil,... tem uma tolerância que ajuda...”.(F)

“... Em certo ponto eu me sinto bem sendo do ProUni, e certo ponto me sinto mal por isso. Porque na verdade eu poderia estar entregando a minha bolsa de Filosofia por exemplo, para quem gostasse muito e se dedicasse bem mais do que talvez eu me dedique, entende, mas por certo modo eu conquistei essa bolsa, né, então...”. (F) Observa-se uma certa culpa por não estar fazendo o curso que queria mas ao mesmo tempo o direito de participar do programa.

“... eu acho que na verdade nós pagamos os impostos, a gente contribui, essa é uma das maneiras visíveis de ver onde está indo o nosso dinheiro... digamos que é uma troca... acho que não é mais que uma obrigação do governo... um direito de todos...”. (F)

Quanto às percepções e sentimentos os alunos da Medicina referem ter que estudar muito mais do que antes, que o nível de exigência é alto, que só estudam: manhã, tarde e noite, não tem tempo para nada, pois o curso é horário integral. Já, os sujeitos da Filosofia possuem uma realidade diferente, pois, os três entrevistados deste curso trabalham todo o dia (bancária, secretária e auxiliar administrativa) e estudam a noite, moram em cidades próximas. A maioria dos salários recebidos é destinada ao pagamento do transporte, xerox e compra de alguns livros.

Ainda alguns sujeitos (F) revelam ser difícil e muito corrido trabalhar e estudar, outros referem que uma das dificuldades sentidas foi ficar longe da família, sair de casa e morar sozinho (M). Os sujeitos da Medicina verbalizam que os colegas são os amigos, o seu grupo é o grupo de colegas e o seu lazer se restringe a jantares esporádicos da turma de aula. Já os da Filosofia não apresentam relações de amizade fora do espaço acadêmico, estas existem, mas em sala de aula, nos intervalos e nos trabalhos de grupo.

O depoimento a seguir expressa tais sentimentos da realidade acadêmica de forma muito clara:

“... Eu achei bastante diferente do que eu estava acostumada, não tinha nem idéia de como é que era. Eu cheguei aqui não sabia para que lugar ir, daí pedi para uma moça e ela estudava aqui neste prédio e ela me trouxe até aqui, me mostrou onde que olhava as salas, aí olhei, conheci os colegas, aí tinha mais três colegas do ProUni junto...”, “... e eu achei muito diferente do que eu vivia antes, eu só estudava, depois só trabalhava e daí depois comecei a estudar e trabalhar, tinha aula a noite, foi muita diferença. Nos trabalhos também a gente foi notando uma enorme diferença com o que a gente estava acostumada a fazer, até a formatação, no começo eu achei complicado, mas depois foi bom...”. (F)

Aproveitamento acadêmico/perspectivas futuras

Nesta categoria foram analisadas as dificuldades e facilidades referentes ao aproveitamento acadêmico, encontradas no processo ensino-aprendizagem, aprovações e reprovações, assimilação dos conteúdos, níveis de satisfação com o curso que está sendo realizado bem como continuidade de sua trajetória profissional e pessoal através de uma visão de futuro planejada.

Observando os boletins de desempenho acadêmico (obtidos junto à secretaria geral dos cursos) dois sujeitos do Curso de Filosofia registram reprovações enquanto entre os da Medicina, nenhum evidencia no boletim acadêmico histórico de reprovações.

As entrevistas com os sujeitos da Filosofia revelam certas dificuldades em disciplinas, sentimentos de incapacidade frente ao entendimento dos conteúdos e muita diferença nas didáticas da universidade, se comparado ao ensino médio. Sentem ainda, conforme suas manifestações, não saírem com uma “profissão” e pretendem fazer outros cursos. Eles citaram dificuldades em Língua Portuguesa, Antologia e Lógica.

“...Eu sempre tive dificuldades em Português, eu tinha dificuldade em gramática, mas eu gosto de escrever...”. (F)

“...Tem uma matéria que é Antologia que até agora eu não consegui passar, mas o resto é tranquilo...”. (F)

“... Tive muita dificuldade em Lógica, é um cálculo de raciocínio... daí já vem a dificuldade em matemática. (F)

“... Pensei em desistir quando me deparei com o primeiro artigo que eu tive que fazer, eu tinha uma dificuldade muito grande... neste primeiro trabalho eu mais chorava do que escrevia, era uma coisa científica... eu tinha vontade de ir embora, de voltar para casa... depois em outro eu fui super bem fiz manualmente e depois me desafiei a encontrar um computador para eu poder passar pro computador...”. (F)

Essas dificuldades apresentadas pelos entrevistados podem ser relacionadas com o desempenho obtido na prova do ENEM, o que possibilitou a entrada em cursos com vagas ociosas, acarretando os sentimentos já verbalizados, de não se classificar para o curso desejado.

Segundo a Portaria Normativa n. 34/2007, do MEC, as reprovações isoladas não comprometem o aluno bolsista, no entanto, considera-se rendimento acadêmico

insuficiente, a aprovação em menos de 75% das disciplinas cursadas em cada período letivo.

“... Este semestre foi uma confusão, como eu reprovei, eu tive choque de horários, não consegui fazer todas as noites que eu estava fazendo, estou com três noites e nenhuma com a minha turma de origem, ... trancou o estágio... agora eu estou me engajando nessa turma nova mas está bem tranquilo...”. (F)

Foram encontradas, também, algumas dificuldades em termos didáticos, quando os alunos criticaram os métodos de ensino. Denota-se, com isso, a pouca preparação do aluno para o ambiente universitário, o qual exige postura diferente, com novas atitudes frente a outras complexidades que provavelmente surgirão diante da mudança entre ensino médio e etapa acadêmica. Essas dificuldades contribuem para o crescimento do sujeito, uma vez que o mesmo está construindo a sua trajetória e passando do período da adolescência para a fase de adulto jovem.

“...Algumas aulas eu acho muito monótonas, muito paradas e que não me chamam a atenção, às vezes eu gostaria de que fosse um pouco diferente, que tivesse mais liberdade para fazer os trabalhos...”. (F)

“... Eu tive bastante dificuldade eu não concordava com a maneira com que os professores davam aula, eu tinha recém saído do magistério e tudo que tinham me ensinado eu vi tudo o contrário... tava sendo tudo o oposto... agora eu entendo eles estavam passando a teoria...”. (F)

“... A linguagem utilizada no começo, eu não entendia muito bem, é um curso mais profundo, com muita teoria também... eu falto muita aula pelo trabalho, saio atrasada e perco o ônibus...”. (F)

Quanto às perspectivas para o futuro os sujeitos da Filosofia denotam certa dificuldade de seguir a profissão e entrar no mercado de trabalho, verbalizando, quase todos, a necessidade de buscar uma carreira profissional que realmente gostem. Já, os da Medicina parecem sair com uma profissão, uma vez que é um curso direcionado para uma área do mercado de trabalho relativamente mais aberta. Enquanto os alunos da Filosofia expressam o desejo de fazer outros cursos “para adquirir uma profissão”, os alunos da Medicina verbalizam que desejam aprofundar os conhecimentos na profissão já delineada.

Essas interpretações dos alunos da Filosofia revelam certo equívoco ou desconhecimento sobre a formação do profissional do Filósofo, que se concretiza no ensino. Isso pode ser, também, um preconceito com a formação de professores, que é uma profissão desprestigiada no ambiente social em que se vive. Os depoimentos a seguir exemplificam:

“... Eu acredito que nessa área eu não vou seguir, eu estou fazendo, mas não é uma área que eu vou seguir...”. (F)

“... Eu sou nova ainda, eu tenho muito o que estudar, muito o que aprender, então eu vou aproveitar o que eu posso deste curso e daí depois vou além... pretendo fazer Psicologia...”. (F)

“... Eu vou levar comigo uma bagagem cultural enorme... o que me decepciona é de eu não conseguir levar isto como carreira profissional, mas isso é uma coisa pessoal minha...”. (F)

“... Eu imagino que o estágio é que vai abrir as portas para a gente trabalhar depois, eu pretendo dar aulas de Filosofia e vou procurar escolas na minha cidade... eu penso em fazer uma pós em Religião que eu gosto bastante e também pretendo fazer algumas cadeiras do Curso de Jornalismo, algumas específicas...”. (F)

“... Eu pretendo posteriormente dar aulas, apesar de eu estar oscilando entre uma área e outra, ser professora, não ser professora, eu quero ser professora, senão eu não estaria fazendo a licenciatura, eu me desafiei a fazer isto, portanto eu pretendo voltar para a minha cidade e o primeiro concurso que tiver eu quero prestar, até porque eu não gosto daqui... lá a vida é mais tranquila...”. (F)

Estas falas revelam um sentimento importante de retorno à cidade de origem, com vontade de contribuir para o desenvolvimento das mesmas.

As entrevistas com os sujeitos da Medicina revelam que existem algumas dificuldades em disciplinas que para todos são mais difíceis, ainda todos relatam fazer estágios voluntários nos finais de semana e nas férias. Ainda verbalizam o desenvolvimento e o aprimoramento de algumas habilidades tais como responsabilidade, disciplina, muito esforço pessoal e uma jornada de estudos muito superior se comparada ao outro grupo de alunos.

“... Eu aprendi a ter neste curso muita responsabilidade, eu acho que é o primeiro puxão de orelha que os professores dão no início, daí tu começa a estudar, estudar e quanto mais tu estuda tu vê que não sabe nada...”. (M)

“... Algumas matérias são mais complicadas para todo mundo... no segundo ano um fui um pouquinho mal, mas me superei, não perdi, no final do ano fiz exame e consegui passar, mais da metade da turma pegou exame...”. (M)

“... Acho que os segundo ano é o mais difícil da faculdade, é um consenso geral aqui da faculdade...”. (M)

Ainda os alunos da Medicina parecem estar adquirindo uma profissão, já almejam tendências por áreas profissionais e visualizam sua entrada no mercado de trabalho de uma forma mais certa e com boas perspectivas. Os relatos a seguir confirmam:

“...Eu quero clínica, eu gosto bastante de clínica, cirurgia eu me dou bem, eu gosto de cardiologia, vou tentar isto porque é uma coisa boa, sempre vai ter serviço...ainda na medicina tem bastante oportunidade de emprego... no meu futuro eu pretendo voltar para a minha cidade e trabalhar lá, porque eu gosto de lá e ta precisando bastante de médicos lá...”. (M)

“... Eu quero fazer residência em cirurgia que são dois anos e depois pretendo fazer plástica que são mais quatro anos... vou longe...”. (M)

“... Eu penso fazer oncologia, só que a gente ainda não tem muita base é mais no final da faculdade no sexto ano a gente vai entrar em contato com pacientes oncológicos, eu também gosto bastante de neurologia clínica, então de repente é por aí...”. (M)

Entre estes testemunhos, observou-se que os acadêmicos da Medicina já desenham a continuidade da trajetória, através de estágios, aquisição de mais conhecimentos específicos e especialidades que gostariam de seguir profissionalmente.

Também manifestam o desejo de retornar às suas comunidades para prestarem os serviços médicos.

Os acadêmicos já entrevistados oferecem algumas sugestões ao programa: como fazer entrevistas prévias aos alunos bolsistas, antes da escolha do curso e ainda sugerem a possibilidade de trocar de curso caso não se adaptarem ao escolhido. As falas a seguir ilustram essa afirmação:

“...Com relação ao ProUni... eu me senti assim... por ele dar muitas opções para a gente fazer, muitas vezes a gente ganha o que a gente não gosta de estudar. Eu aprendi a gostar o que eu estou fazendo, mas eu percebi que com relação aos meus colegas, eles desvalorizam isto, por eles não gostarem, eles deixavam, de vir a aula, deixavam de se dedicar, então eu acho que deveria fazer, sei lá... alguma entrevista para ver se a pessoa realmente quer fazer isso, porque se tu não gosta do que tu está fazendo, tem muita gente que gostaria de estar no teu lugar. Eu percebo isto com meus colegas. Eles não tinham um comprometimento com o que eles estavam fazendo com o que ganharam, com o compromisso que assumiram diante do próprio governo...”. (F)

“... Eu acho o ProUni um bom programa, mas tem algumas coisas que poderiam ser diferentes...as escolhas, tu poder trocar de curso, acho que seria uma boa, porque se tu vê que não era aquilo que tu achava que era... eu acho que também existem falhas nas cotas... porque não é a cor, raça que impede uma pessoa de vir para a universidade, realmente é o dinheiro, a situação financeira...”. (F)

VII – REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*.: Edições 70, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Teoria do ordenamento jurídico*. Tradução: Maria Celeste C. J. Santos. 10.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CLARK, Burton R. Em busca da universidade empreendedora. In: Audy, J.L.N. & MOROSINI, M.C. (Orgs.) *Inovação e empreendedorismo na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MENEZES, Paulo Lucena de. *A ação afirmativa (Affirmative action) no direito norte-americano*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001. Nota n.º 3, p. 28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEN, Arabela Campos. Multiculturalismo e a política de ingresso nos Estados Unidos. *Educação & Realidade*. v. 21. n. 2, p. 74-87, jul./dez., 1996.

PANIZZI, Wrana Maria. *Universidade para quê?* Porto Alegre: Libretos, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005

SCALONA, Maria Celi. *Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1999.